



Ediouro

Alice Sebold



# UMA VIDA INTERROMPIDA

MEMÓRIAS DE UM ANJO ASSASSINADO



UMA VIDA  
INTERROMPIDA

*Memórias de um Anjo Assassinado*

ALICE SEBOLD

## ABA DA FRENTE

Quando encontramos Susie Salmon pela primeira vez, ela já está no céu. Enquanto observa a Terra desse estranho e novo lugar, ela nos conta, com a voz jovial e animada de uma menina de 14 anos, uma história ao mesmo tempo comovente e cheia de esperança.

Nas semanas que se seguem a sua morte, Susie vê a vida continuar sem ela — seus amigos de colégio trocam boatos sobre seu desaparecimento, sua família nutre esperanças de ela ser encontrada, seu assassino tenta não deixar pistas. A medida que os meses passam sem pistas, Susie vê o casamento de seus pais ser arruinado pela perda, sua irmã se endurecer em um esforço para ser forte, e seu irmão caçula tentar entender o significado da palavra morte.

E ela explora o lugar chamado céu. Ele se parece um pouco com o pátio do seu colégio, com o tipo certo de balanços. Há orientadores para ajudar os recém-chegados a se adaptar e amigas para dividir o quarto. Tudo o que ela sempre quis aparece no instante em que ela pensa — exceto o que ela mais quer: estar novamente junto das pessoas que amou na Terra.

## ABA DE TRÁS

Com compaixão, saudade e uma compreensão cada vez maior, Susie vê suas pessoas queridas superarem a dor e começarem a se curar. Seu pai embarca em uma busca arriscada para capturar seu assassino. Sua irmã realiza um feito de notável ousadia. E o menino de quem Susie gostava continua sua vida, e acaba se vendo envolvido em um acontecimento milagroso.

*Uma Vida Interrompida* é luminoso e surpreendente, um romance que constrói, a partir da dor, a mais esperançosa das histórias. Pelas mãos de uma brilhante nova escritora, essa história sobre a pior coisa que uma família pode enfrentar é transformada em um romance cheio de suspense, e até engraçado, sobre o amor, a memória, a alegria, o céu e a cura.

*“Para sempre, Glen.”*



*D*entro do globo de neve na escrivaninha do meu pai havia um pingüim usando um cachecol listrado de vermelho e branco. Quando eu era pequena, meu pai me punha no colo e pegava o globo de neve. Virava-o de cabeça para baixo, fazendo toda a neve se acumular na parte de cima, depois o desvirava depressa. Ficávamos os dois olhando a neve cair suavemente em volta do pingüim. Eu pensava que o pinguim estava sozinho lá dentro, e me preocupava com ele. Quando disse isso ao meu pai, ele respondeu: “Não se preocupe, Susie; ele tem uma vida boa. Está preso dentro de um mundo perfeito.”

# Capítulo 1

**M**eu sobrenome era Salmon, salmão, igual ao peixe; meu primeiro nome era Susie. Eu tinha 14 anos quando fui assassinada no dia 6 de dezembro de 1973. Nas fotos de meninas desaparecidas que saíam nos jornais nos anos 70, a maioria delas se parecia comigo: meninas brancas de cabelos castanhos cor de camundongo. Isso foi antes de crianças de todas as raças e sexos começarem a aparecer nas caixas de leite ou na correspondência diária. Ainda era na época em que as pessoas acreditavam que coisas assim não aconteciam.

No meu livro de classe do ginásio coloquei a citação de um poeta espanhol a quem a minha irmã tinha me apresentado, Juan Ramón Jiménez. Dizia mais ou menos o seguinte: "Se alguém lhe der uma folha de papel pautado, escreva no sentido contrário." Escolhi essa citação tanto porque ela expressava meu desprezo pelos ambientes estruturados do tipo sala de aula e porque, já que não era uma citação ridícula de alguma banda de rock, pensava que ela mostrasse meus dotes literários. Eu fazia parte do Clube de Xadrez e do Clube de Química e queimava tudo o que tentava ler na aula de prendas domésticas da Sra. Delminico. Meu professor preferido era o Sr. Botte, que lecionava biologia e gostava de animar os sapos e lagostins que tínhamos de dissecar fazendo-os dançar em suas tigelas enceradas.

A propósito, eu não fui morta pelo Sr. Botte. Não pensem que todas as pessoas que vão encontrar aqui são suspeitas. É esse o problema. Nunca se sabe. O Sr. Botte compareceu à minha homenagem (assim como, devo acrescentar, quase todo o colégio em que eu estudava — nunca fui tão popular) e chorou bastante. Ele tinha uma filha doente. Todo mundo sabia disso, então quando ele ria das próprias piadas, que já eram velhas muito antes de ele virar meu professor, nós também ríamos, às vezes nos forçando,

só para deixá-lo feliz. A filha dele morreu um ano e meio depois de mim. Ela tinha leucemia, mas nunca a vi no meu céu.

Meu assassino foi um homem do nosso bairro. Minha mãe gostava das flores dos canteiros dele, e meu pai uma vez conversou com ele sobre fertilizantes. Meu assassino acreditava em coisas antiquadas como casca de ovo e borra de café, que segundo ele sua própria mãe tinha usado. Meu pai chegou em casa sorrindo, fazendo piadas sobre como o jardim do cara podia ser lindo, mas que teria um fedor insuportável quando chegasse o calor.

Mas no dia 6 de dezembro de 1973 estava nevando, e na volta do ginásio eu peguei um atalho pelo milharal. Estava escuro na rua porque os dias eram mais curtos no inverno, e eu me lembro de como os pés de milho quebrados dificultavam minha passagem. A neve caía fraca, parecendo uma porção de mãozinhas, e eu estava respirando pelo nariz até ele começar a escorrer tanto que tive de abrir a boca. A dois metros de onde o Sr. Harvey estava, pus a língua para fora para sentir o gosto de um floco de neve.

— Não fique assustada — disse o Sr. Harvey.

É claro que dentro de um milharal, no escuro, eu fiquei assustada. Depois de morta pensei em como o ar tinha um leve cheiro de colônia, mas que eu não estava prestando atenção ou pensei que o cheiro viesse de alguma das casas mais à frente.

— Sr. Harvey — disse eu.

— Você é a filha mais velha dos Salmon, não é?

— Sou.

— Como vão seus pais?

Embora fosse a mais velha da minha família e fosse boa em testes de ciências, nunca tinha me sentido realmente confortável na presença de adultos.

— Bem — respondi. Eu estava com frio, mas a autoridade natural da idade dele e o fato suplementar de ele ser um vizinho e conversar com meu pai sobre fertilizantes me prenderam ali.

— Eu construí uma coisa ali atrás — disse ele. — Quer ver?

— Estou com um pouco de frio, Sr. Harvey — respondi —, e minha mãe gosta que eu volte antes de escurecer.

— Já escureceu, Susie — disse ele.

Agora gostaria de ter percebido que isso foi estranho. Eu nunca tinha dito meu nome para ele. Acho que pensei que meu pai tinha lhe contado alguma das constrangedoras piadas que pensava serem apenas provas de amor por seus filhos. Meu pai era o tipo de pai que coloca uma foto sua pelada aos 3 anos de idade no banheiro do andar de baixo, o banheiro de hóspedes. Ele fez isso com minha irmã caçula, Lindsey, graças a Deus. Pelo menos fui poupada dessa indecência. Mas ele gostava de contar uma história sobre como, quando Lindsey nasceu, eu fiquei com tanto ciúme que um dia quando ele estava no telefone no quarto ao lado fui até o outro lado do sofá — ele conseguia me ver de onde estava — e tentei fazer xixi em cima da Lindsey, que estava dentro do moisés. Essa história me humilhava sempre que ele a contava, para o pastor da nossa igreja, para nosso vizinho, o Sr. Stead, que era terapeuta e cuja opinião a respeito ele gostaria de ouvir, e para qualquer pessoa que um dia dissesse: "A Susie tem muita coragem!"

— Coragem! — dizia meu pai. — Você nem imagina como — e começava imediatamente a contar a história de quando Susie-fez-xixi-na-Lindsey.

Mas o fato é que meu pai não tinha falado de nós para o Sr. Harvey nem contado para ele a história de quando Susie-fez-xixi-na-Lindsey.

O Sr. Harvey mais tarde diria as seguintes palavras para minha mãe, quando a encontrasse na rua:

— Fiquei sabendo da terrível, terrível tragédia. Qual era mesmo o nome da sua filha?

— Susie — respondeu minha mãe, controlando-se para agüentar o peso daquilo, peso que ela esperava ingenuamente que um dia fosse diminuir, sem saber que ele apenas seguiria doendo de maneiras novas e variadas pelo resto de sua vida.

O Sr. Harvey falou o de sempre:

— Espero que peguem o miserável. Sinto muito por sua perda.

A essa altura eu estava no meu céu, juntando os pedaços dos meus membros, e não pude acreditar na audácia dele.

— Esse homem não tem vergonha — disse eu a Franny, minha orientadora de recepção.

— Com certeza — disse ela, e foi só o que disse. O meu céu não tinha muitos rodeios.

O Sr. Harvey disse que aquilo ia demorar só um minuto, então eu o segui até um pouco mais adiante no milharal, onde havia menos pés quebrados, porque ninguém usava aquele caminho como atalho para o colégio. Minha mãe tinha dito a meu irmão menor, Buckley, que o milho do milharal era incomível quando ele perguntou porque ninguém do bairro o comia.

— O milho é para cavalos, não para gente — disse ela.

— Nem para cachorros? — perguntou Buckley.

— Não. — respondeu minha mãe.

— Nem para dinossauros? — perguntou Buckley. E assim por diante.

— Eu fiz um esconderijozinho — disse o Sr. Harvey.

Ele parou e se virou para mim.

— Não estou vendo nada — disse eu. Eu tinha consciência de que o sr. Harvey estava me olhando de um jeito estranho. Homens mais velhos já tinham olhado assim para mim depois de eu ter perdido minhas gordurinhas de criança, mas geralmente eles não ficavam enlouquecidos comigo quando eu estava vestindo minha parca azul e minhas calças amarelas boca-de-sino. Os óculos dele eram pequenos e redondos com uma armação dourada, e os seus olhos olhavam para mim por cima deles.

— Você deveria ser mais observadora, Susie — disse ele.

Eu estava era com vontade de observar o caminho para longe dali, mas não o fiz. Por que não? Franny disse que essas perguntas eram inúteis.

— Não fez e pronto. Não fique quebrando a cabeça. Não adianta nada. Você morreu e tem de aceitar isso.

— Tenta outra vez — disse o Sr. Harvey, e agachou-se e bateu no chão.

— O que é isso? — perguntei.

Minhas orelhas estavam congelando. Eu não queria usar o gorro colorido com pompom e sininhos que minha mãe tinha feito para mim em algum Natal. Em vez disso eu o tinha enfiado no bolso da parca.

Lembro-me que cheguei perto e pisei com força no chão perto dele. O chão parecia ainda mais duro do que a terra congelada, que já era bem dura.

— É madeira — disse o Sr. Harvey. — Impede a entrada de desabar. Fora isso é tudo feito de terra.

— O que é feito de terra? — perguntei. Eu não estava mais com frio nem achando esquisito o jeito como ele tinha me olhado. Era como se eu estivesse na aula de ciências: eu estava curiosa.

— Vem ver.

Era difícil entrar lá dentro, ele reconheceu isso quando estávamos os dois dentro do buraco. Mas eu estava tão maravilhada ao ver como ele tinha construído uma chaminé capaz de deixar a fumaça sair se ele um dia quisesse fazer uma fogueira que nem pensei na dificuldade de entrar e sair do buraco. Pode-se acrescentar a isso que fugir não era um conceito no qual eu tivesse alguma experiência de verdade. O mais perto que eu tinha chegado de fugir tinha sido do Artie, um menino estranho do colégio que era filho de um agente funerário. Ele gostava de fingir que andava carregando uma agulha cheia de formol. Ficava desenhando no caderno agulhas com gotas pretas pingando.

— Que chocante! — disse eu ao Sr. Harvey. Ele podia ter sido o corcunda de Notre Dame, sobre o qual tínhamos lido na aula de francês. Eu não estava nem aí. Regredi completamente. Eu era meu irmão Buckley no dia da excursão ao Museu de História Natural de Nova York, onde ele tinha se apaixonado pelos enormes esqueletos exibidos. Eu não usava a palavra chocante em público desde o primário.

— Como tirar um doce de uma criança — disse Franny.

Ainda posso ver o buraco como se fosse ontem, e foi. A vida para nós é um eterno ontem. Era do tamanho de um quartinho, a lavanderia da nossa casa, por exemplo, onde deixamos nossas botas e capas de chuva e onde mamãe tinha conseguido espremer uma lavadora e uma secadora de roupas, uma em cima da outra. Eu quase podia ficar em pé lá dentro, mas o Sr. Harvey tinha que ficar curvado. O jeito como ele tinha cavado o buraco tinha formado um banco na lateral. Ele se sentou imediatamente.

— Pode olhar — disse ele.

Fiquei olhando maravilhada para a prateleira escavada acima dele na qual ele tinha posto fósforos, uma fileira de pilhas e uma lanterna fosforescente à pilha que era a única luz lá dentro — uma luz mortiça que tornava seus traços difíceis de distinguir mesmo quando ele estava em cima de mim.

Na prateleira tinha um espelho, uma navalha e creme de barbear. Achei aquilo estranho. Por que ele não fazia isso em casa? Mas acho que pensei que um homem que tinha uma ótima casa de vários andares e construía um quarto subterrâneo a menos de um quilômetro de distância devia ser meio biruta. Meu pai tinha uma boa maneira de descrever gente como ele: "O homem é excêntrico, só isso."

Então eu acho que estava pensando que o Sr. Harvey era excêntrico, e bastei do quartinho, e ali estava quente, e queria saber como ele tinha construído aquilo, qual era a mecânica da coisa e onde ele tinha aprendido a fazer algo assim.

Quando o cachorro dos Gilbert encontrou meu cotovelo, três dias depois, e o levou para casa preso a uma palha de milho reveladora, o Sr. Harvey tinha fechado o buraco. Eu estava em trânsito nessa época. Não o vi suar, retirar o reforço de madeira, pôr todas as provas dentro de sacos junto com as partes do meu corpo, com exceção daquele cotovelo.

Quando comecei a ser capaz de observar os acontecimentos na Terra, estava mais preocupada com a minha família do que com qualquer outra coisa.

Minha mãe estava sentada em uma cadeira ao lado da porta de entrada com a boca aberta. Seu rosto pálido estava mais pálido do que eu jamais tinha visto. Seus olhos azuis estavam fixos. Meu pai estava tomado por um afã. Queria saber detalhes e passar o pente fino no milharal junto com a polícia. Eu ainda agradeço a Deus por um inspetorzinho chamado Len Fenerman. Ele destacou dois oficiais uniformizados para levar meu pai até a cidade e fazê-lo mostrar todos os lugares a que eu costumava ir com meus amigos. Os policiais mantiveram meu pai ocupado em um shopping durante todo o primeiro dia. Ninguém contou para Lindsey, que tinha 13 anos e idade suficiente, nem para Buckley, que tinha 4 e, para ser honesta, nunca entenderia totalmente.

O Sr. Harvey me perguntou se eu queria beber alguma coisa. Foi o que ele disse. Eu disse que precisava ir para casa.

— Seja educada e tome uma Coca — disse ele. — Tenho certeza de que as outras crianças fariam isso.

— Que outras crianças?

— Eu construí isso para as crianças do bairro. Pensei que poderia ser uma espécie de clube.

Acho que mesmo naquela hora eu não acreditei nisso. Pensei que ele estava mentindo, mas achei que era uma mentira lamentável. Imaginei que ele estivesse se sentindo só. Tínhamos lido sobre homens assim na aula de saúde. Homens que nunca se casavam e comiam comida congelada toda noite e tinham tanto medo de rejeição que sequer tinham animais de estimação. Senti pena dele.

— Tudo bem — disse eu. — Vou tomar uma Coca.

Depois de algum tempo ele disse:

— Não está com calor, Susie? Por que não tira sua parca? — Tirei.

Depois disso ele falou:

— Você é muito bonita, Susie.

— Obrigada — disse eu, mesmo que ele estivesse me olhando de um jeito que minha amiga Clarissa e eu tínhamos apelidado de calafrio.

— Você tem namorado?

— Não, Sr. Harvey — respondi. Engoli o resto da Coca, que era muita, e disse: — Preciso ir, Sr. Harvey. Este lugar é bacana, mas eu preciso ir.

Ele se levantou e ficou parecendo um corcunda na frente dos seis degraus escavados que conduziam de volta ao mundo.

— Não sei por que você acha que vai embora.

Falei para não precisar encarar o seguinte fato: o Sr. Harvey não era um excêntrico. Ele me dava calafrios e fazia eu me sentir esquisita agora que estava bloqueando a porta.

— Sr. Harvey, eu tenho mesmo que ir para casa.

— Tira a roupa.

— O quê?

— Tira a roupa — disse o Sr. Harvey. — Quero verificar que você ainda é virgem.

— Eu sou, Sr. Harvey — disse eu.

— Quero ter certeza. Seus pais vão me agradecer.

— Meus pais?

— Eles só querem meninas boazinhas — disse ele.

— Sr. Harvey — disse eu —, por favor, me deixe ir embora.

— Você não vai embora, Susie. Você agora é minha.

Naquela época os exercícios físicos não estavam na moda; aeróbica mal era uma palavra. As meninas tinham de ser macias, e só as meninas que desconfiávamos serem lésbicas conseguiam subir nas cordas no colégio. Eu lutei muito. Lutei o máximo que pude para não deixar o Sr. Harvey me machucar, mas meu máximo não foi forte o suficiente, não chegou nem perto, e eu logo estava deitada no chão, com ele por cima de mim ofegando e suando, depois de perder os óculos durante a briga. Eu estava tão viva nessa hora. Pensei que era a pior coisa do mundo estar deitada de costas com um homem suando em cima de mim. Estar presa debaixo da terra sem ninguém saber onde eu estava. Pensei na minha mãe.

Minha mãe estaria olhando os ponteiros do relógio do seu forno. Era um forno novo e ela adorava o fato de ele ter ura relógio.

— Posso medir até os minutos — disse ela para sua própria mãe, uma mãe que não dava a mínima para fornos.

Ela ficaria preocupada, mas mais zangada do que preocupada, com meu atraso. Quando meu pai entrasse com o carro na garagem, ela se agitaria, preparando-lhe um drinque, um xerez, e faria cara de irritada:

— Sabe como é o ginásio — diria ela. — Talvez seja um carnaval fora ir época.

— Abigail — diria meu pai —, como pode ser um carnaval fora de época se está nevando?

Sem ter tido sucesso, minha mãe poderia trazer Buckley para a sala depressa e dizer:

— Vai brincar com o seu pai — enquanto se recolhia para a cozinha e tomava um gole de xerez também.

O Sr. Harvey começou a apertar os lábios nos meus. Eles estavam inchados e molhados e eu queria gritar, mas estava com medo demais e exausta demais de lutar. Eu já tinha sido beijada uma vez por alguém de quem gostava. O nome dele era Ray e ele era indiano. Tinha sotaque e a pele escura. Não era para eu gostar dele. Clarissa chamava seus olhos grandes de pálpebras semicerradas de "esquisitões", mas ele era legal e inteligente e me ajudou a colar na prova de álgebra fingindo não ter ajudado. Ele me beijou na frente do meu escaninho na véspera do dia em que entregamos nossas fotos para o livro de classe. Quando o livro saiu no final do verão, vi que embaixo da sua foto ele tinha respondido à

pergunta habitual "Meu coração pertence a" com "Susie Salmon". Acho que ele tinha planos. Lembro-me que seus lábios estavam rachados.

— Não, Sr. Harvey — consegui dizer, e continuei dizendo aquela palavra muitas vezes. Não. E disse, por favor, muitas vezes também. Franny me disse que quase todo mundo implorava, "por favor," antes de morrer.

— Eu quero você, Susie — disse ele.

— Por favor — disse eu. — Não. — disse eu. Algumas vezes eu combinava os dois. "Por favor, não" ou "Não, por favor". Era como insistir que uma chave funciona quando ela não funciona ou gritar "Deixa que eu vou, deixa que eu vou, deixa que eu vou" enquanto uma bola passa voando por cima de você e vai parar na arquibancada.

— Por favor, não.

Mas ele cansou de me ouvir suplicar. Pôs a mão no bolso da minha parca e embolou o gorro que minha mãe tinha feito para mim, enfiando-o dentro da minha boca. O único som que fiz depois disso foi um fraco tilintar de sinos.

Enquanto ele beijava meu rosto e meu pescoço com seus lábios molhados e depois começava a enfiar as mãos por baixo da minha blusa, eu chorei. Comecei a deixar meu corpo; comecei a habitar o ar e o silêncio. Chorei e me debati para não sentir. Ele rasgou minhas calças, sem conseguir encontrar o zíper invisível que minha mãe tinha costurado cuidadosamente na lateral.

— Calcinha branca grande — disse ele.

Eu me senti imensa e deformada. Era como se eu fosse um mar em que ele estivesse mijando e cagando. Senti os cantos do meu corpo se abrindo e se fechando, como em uma cama de gato, de que eu brincava com Lindsey só para fazê-la feliz. Ele começou a se movimentar em cima de mim.

— Susie! Susie! — ouvi minha mãe chamar. — O jantar está na mesa. Ele estava dentro de mim. Estava grunhindo.

— Tem vagem e cordeiro. Eu era a tigela, ele era o pilão.

— Seu irmão fez uma nova pintura a dedo, e eu fiz bolo de maçã.

O Sr. Harvey me fez ficar quieta debaixo dele e ouvir o seu coração bater e o meu coração bater. Ouvir o meu pulando como o de um coelho, e o dele batendo forte, como um martelo por baixo da roupa. Ficamos ali deitados com

nossos corpos se tocando e, enquanto eu tremia, percebi uma coisa incrível. Ele tinha me feito aquilo e eu tinha sobrevivido. Era só isso. Eu ainda estava respirando. Ouvia seu coração. Sentia seu hálito. A terra escura à nossa volta tinha o cheiro do que era, uma terra úmida, onde vermes e animais viviam suas vidas cotidianas. Eu poderia ter gritado durante horas.

Eu sabia que ele ia me matar. Não percebi naquela hora que era um animal que já estava morrendo.

— Por que você não se levanta? — perguntou o Sr. Harvey enquanto rolava para o lado e depois se agachava acima de mim.

Sua voz era suave, a voz de um amante acordando tarde. Uma sugestão, não uma ordem.

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia me levantar.

Quando eu não me levantei — terá sido só isso, o fato de eu não aceitar sua sugestão? — ele inclinou o corpo para o lado e tateou, por cima de sua cabeça, pela prateleira em que estavam sua navalha e seu creme de barbear. Trouxe de lá uma faca. Nua, ela sorria para mim, curvando-se em um esgar.

Ele tirou o gorro da minha boca.

— Diz que me ama — falou ele.

Gentilmente, eu disse.

O fim chegou assim mesmo.

## Capítulo 2

Quando cheguei no céu pela primeira vez, pensei que todo mundo via o que eu via. Que no céu de todo mundo tinha traves de futebol ao longe e mulheres lançando pesos ou dardos em câmera lenta. Que todos os prédios se pareciam com ginásios suburbanos do nordeste americano construídos nos anos 60. Prédios grandes e atarracados espalhados por terrenos arenosos com projetos paisagísticos ruins, e anexos e espaços abertos para fazê-los parecer modernos. Minha parte preferida era como os blocos coloridos eram turquesa e cor de laranja, iguaizinhos aos blocos do científico de Fairfax. Algumas vezes, na Terra, eu fazia meu pai passar de carro na frente científico de Fairfax para poder me imaginar estudando lá. Depois da sexta, sétima e oitava séries do ginásio, o científico teria sido um novo começo. Quando eu chegasse no científico de Fairfax, insistiria para ser chamada de Suzanne. Usaria os cabelos escovados à la Farrah Fawcett ou presos em um coque. Teria um corpo que os meninos desejassem e as meninas invejassem, mas seria também tão legal que eles se sentiriam culpados por fazer qualquer outra coisa a não ser me adorar. Eu gostava de pensar em mim mesma — depois de chegar a uma espécie de status de rainha — protegendo alunos desajustados no refeitório. Quando alguém gozasse de Clive Saunders por andar feito uma menina, eu o vingaria imediatamente chutando as partes pudendas do gozador. Quando os meninos provocassem Phoebe Hart por causa de seus peitos grandes, eu faria um discurso sobre porque piadas de peito não eram engraçadas. Precisava esquecer que eu também tinha feito listas na margem do meu caderno quando Phoebe passava: tetas, marquises, peitarras. No final dos meus devaneios, eu estava sentada no banco de trás do carro enquanto meu pai dirigia. Tinha feito tudo certo. Eu passaria pelo científico em questão de dias, não anos, ou, inexplicavelmente, ganharia um Oscar de Melhor Atriz no primeiro ano. Eram esses meus sonhos na Terra.

Depois de alguns dias no céu, percebi que as lançadoras de dardos e de pesos e os meninos jogando basquete no asfalto rachado estavam todos em suas próprias versões do céu. Só que as deles combinavam com a minha — não a duplicava exatamente, mas tinha uma porção das mesmas coisas acontecendo.

Conheci Holly, que virou minha colega de quarto, no terceiro dia. Ela estava sentada no balanço. (Não questionei o fato de um científico ter balanços: era isso que fazia aquele lugar ser o céu. E não eram balanços de fundo chato — todos tinham braços e eram feitos de uma borracha preta dura que envolvia o corpo e sobre a qual se podia pular um pouco antes de balançar.) Holly estava sentada lendo um livro em um alfabeto estranho que associei ao arroz com carne de porco que meu pai trouxe para casa do Hop Fat Kitchen, um restaurante do qual Buckley adorava o nome, adorava tanto que gritava "Hop Fat!" com toda força. Agora sei o que é um vietnamita, e sei que Herman Jade, dono do Hop Fat, não era vietnamita, e que Herman Jade não era o nome verdadeiro de Herman Jade e sim um nome que ele tinha adotado ao chegar nos Estados Unidos vindo da China. Holly me ensinou tudo isso.

— Oi — disse eu. — Meu nome é Susie.

Mais tarde ela me dizia que tirou seu nome de um filme, Bonequinha de luxo. Mas naquele dia ela apenas disse o nome naturalmente.

— Meu nome é Holly — disse ela. Já que no céu dela ela não queria ter nenhum sotaque, não tinha.

Fiquei olhando para seus cabelos negros. Brilhavam como as promessas das revistas.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei.

— Três dias.

— Eu também.

Sentei no balanço ao seu lado e virei meu corpo várias vezes para enrolar a corrente. Depois soltei e girei até parar.

— Você gosta daqui? — perguntou ela.

— Não.

— Nem eu.

Foi assim que começou.

No nosso céu, nossos sonhos mais simples tinham sido realizados. O colégio não tinha professores. Nunca tínhamos de entrar a não ser para a aula de artes no meu caso e para tocar na banda de jazz no caso de Holly. Os meninos não beliscavam nossa bunda nem nos diziam que cheirávamos mal; nossos livros-texto eram as revistas Seventeen, Glamour e Vogue.

E nossos céus se expandiam à medida que nosso relacionamento crescia. Queríamos muitas das mesmas coisas.

Franny, minha orientadora de recepção, tornou-se a nossa guia. Franny tinha idade suficiente para ser nossa mãe — quarenta e poucos anos — e Holly e eu levamos um tempo para perceber que isso era uma das coisas que queríamos: nossas mães.

No céu de Franny, ela prestava serviços e era recompensada com resultados e gratidão. Na Terra, tinha sido assistente social para os sem-teto e os pobres. Trabalhava para uma igreja chamada Santa Maria que servia refeições só para mulheres e crianças, e fazia tudo ali, desde operar os telefones até matar as baratas — usando golpes de caratê. Ela levou um tiro na cara de um homem que procurava a mulher.

Franny foi falar com Holly e eu no quinto dia. Ela nos estendeu dois copos descartáveis de refrigerante de lima e nós bebemos.

— Estou aqui para ajudar — disse ela.

Olhei para seus pequenos olhos azuis rodeados por rugas de expressão e disse-lhe a verdade.

— Isto aqui está um tédio.

Holly estava ocupada tentando esticar a língua longe o bastante para ver se tinha ficado verde.

— O que vocês querem? — perguntou Franny.

— Não sei — disse eu.

— Tudo o que precisam fazer é desejar alguma coisa, e se desejarem o bastante e realmente souberem por quê, a coisa vai se realizar.

Parecia tão simples, e era. Foi assim que Holly e eu conseguimos nosso duplex.

Eu odiava nossa casa na Terra. Odiava os móveis dos meus pais e o jeito como nossa casa tinha vista para outra casa e outra casa e mais outra — um eco da mesma coisa se repetindo até o outro lado do morro. Nosso duplex tinha vista para um parque, e ao longe, perto o suficiente para sabermos que não estávamos sozinhas, mas não perto demais, podíamos ver as luzes de outras casas.

Depois de algum tempo comecei a desejar mais. O que achei estranho foi o quanto eu desejava saber o que não sabia na Terra. Queria poder crescer.

— As pessoas crescem vivendo — disse eu a Franny. — Eu quero viver.

— Isso está fora de cogitação — disse ela.

— A gente pode pelo menos olhar os vivos? — perguntou Holly.

— Já estão olhando — respondeu ela.

— Acho que ela quer dizer vidas inteiras — disse eu — do começo ao fim, para ver como é. Conhecer os segredos. Assim a gente pode fingir melhor.

— Vocês não vão viver essas coisas — esclareceu Franny.

— Obrigada, sabichona — disse eu, mas nossos céus começaram a crescer.

Ainda havia o científico, toda a arquitetura de Fairfax, mas agora havia estradas saindo de lá.

— Sigam as estradas — disse Franny — e encontrarão o que precisam.

Foi então que Holly e eu começamos. Nosso céu tinha uma sorveteria em que, quando pedíamos picolé de hortelã, ninguém nunca dizia: "Não está na época"; tinha um jornal em que nossas fotos apareciam sempre e nos faziam parecer importantes; tinha homens de verdade e belas mulheres também, porque Holly e eu adorávamos revistas de moda. Algumas vezes Holly parecia não estar prestando atenção, e outras vezes quando eu ia procurá-la ela havia sumido. Era quando ela ia a uma parte do céu que não compartilhávamos. Eu sentia saudade dela nessas horas, mas era uma saudade estranha porque a essa altura eu já conhecia o significado de para sempre.

Eu não podia ter o que mais queria: o Sr. Harvey morto e eu viva. O céu não era perfeito. Mas passei a acreditar que, se observasse com atenção, e desejasse, poderia mudar as vidas das pessoas que amava na Terra.

Foi meu pai quem recebeu o telefonema no dia 9 de dezembro. Era o começo do fim. Ele informou à polícia meu tipo sanguíneo, teve de descrever a alvura da minha pele. Eles lhe perguntaram se eu tinha algum sinal particular. Ele começou a descrever meu rosto em detalhes, perdendo-se na descrição. O inspetor Fenerman o deixou continuar, já que a notícia seguinte era horrível demais para que ele o interrompesse com ela. Mas então ele disse:

— Sr. Salmon, nós só achamos um pedaço de corpo.

Meu pai estava em pé na cozinha e foi tomado por um calafrio nauseante. Como poderia dizer aquilo para Abigail?

— Então não pode estar certo de que ela está morta? — perguntou ele.

— Nada nunca é certo — disse Len Fenerman.

Foi essa frase que meu pai disse à minha mãe: "Nada nunca é certo."

Durante três noites, ele não tinha sabido como tocar minha mãe nem o que dizer. Antes, eles nunca tinham ficado arrasados juntos. Geralmente era um precisando do outro, mas não os dois precisando um do outro, e assim tinha sido possível, tocando-se, tomar emprestado a força do mais forte. E eles nunca tinham compreendido, como compreendiam agora, o significado da palavra horror.

— Nada nunca é certo — disse minha mãe, agarrando-se a isso como ele esperava que ela fosse fazer.

Minha mãe era a pessoa que conhecia o significado de cada amuleto da minha pulseira — onde os tínhamos comprado e por que eu gostava deles. Ela fez uma lista meticulosa do que eu estava carregando e vestindo. Se fossem encontradas a quilômetros de distância isoladas em alguma estrada, essas pistas poderiam levar um policial de lá a relacioná-las com a minha morte.

Na minha mente, eu oscilava entre a alegria doce e amarga de ver minha mãe enumerar todas as coisas que eu carregava e amava e sua esperança fútil de que essas coisas tivessem importância. De que um desconhecido que encontrasse uma borracha com um personagem de quadrinhos ou um broche de um astro de rock fosse entregá-los à polícia.

Depois do telefonema de Len, meu pai estendeu a mão e os dois ficaram sentados juntos na cama, olhando fixamente para a frente. Minha mãe agarrando-se entorpecida àquela lista de coisas, meu pai com a sensação de ter entrado em um túnel escuro. Em determinado momento, começou a

chover. Nesse instante pude sentir os dois pensando a mesma coisa, mas nenhum dos dois falou. Que eu estava em algum lugar lá fora, na chuva. Que eles esperavam que eu estivesse bem. Que estivesse em algum lugar seco e quente.

Nenhum dos dois soube quem dormiu primeiro; com os ossos doendo de exaustão, eles caíram no sono e acordaram culpados ao mesmo tempo. A chuva, que havia mudado várias vezes conforme a temperatura caía, agora era granizo, e seu barulho, o barulho de pedrinhas de gelo batendo no telhado acima deles, os acordou juntos.

Eles não falaram. Olharam um para o outro na luz tênue produzida do abajur deixado aceso do outro lado do quarto. Minha mãe começou chorar e meu pai a abraçou, enxugou suas lágrimas com os polegares enquanto segurava seu rosto, e a beijou com muita delicadeza nos olhos. Desviei os olhos deles enquanto se tocavam. Voltei meus olhos para o milharal, vendo se havia alguma coisa que a polícia pudesse encontrar de manhã. O granizo vergava os pés de milho e fazia todos os animais entrarem em seus buracos. Não tão fundo debaixo da terra estavam os túneis dos coelhos selvagens que eu tanto adorava, os coelhinhos que comiam os legumes e flores pelo bairro e que algumas vezes, sem saber, levavam veneno de volta para os ninhos. Então, debaixo da terra e muito longe do homem ou da mulher que havia posto iscas de veneno no seu jardim, uma família inteira de coelhos se encolhia e morria.

Na manhã do dia 10, meu pai derramou o uísque na pia da cozinha, Lindsey lhe perguntou por quê.

— Tenho medo de beber — disse ele.

— Que telefonema foi aquele? — perguntou minha irmã.

— Que telefonema?

— Ouvi você dizer aquilo que sempre diz sobre o sorriso da Susie. Sobre estrelas explodindo.

— Eu disse isso?

— Você ficou esquisito. Era um policial, não era?

— Sem mentiras?

— Sem mentiras — concordou Lindsey.  
— Eles encontraram uma parte de um corpo. Pode ser da Susie. Foi um violento soco no estômago.  
— O quê?  
— Nada nunca é certo — tentou meu pai. Lindsey se sentou à mesa da cozinha.  
— Eu vou passar mal — disse ela.  
— Querida?  
— Pai, quero que me diga o que eles encontraram. Que parte do corpo, e depois vou precisar vomitar.  
Meu pai pegou uma grande tigela de metal. Levou-a até a mesa e a colocou ao lado de Lindsey antes de se sentar.  
— Está bom — disse ela. — Fala.  
— Foi um cotovelo. O cachorro dos Gilbert encontrou.  
Ele segurou a mão dela e então, como tinha prometido, ela vomitou dentro da brilhante tigela prateada.

Mais tarde naquela manhã o tempo clareou, e não muito longe da minha casa a polícia isolou o milharal e começou sua busca. A chuva, o gelo, a neve e o granizo derretidos e misturados tinham deixado o chão empapado; mesmo assim, havia uma área visível onde a terra havia sido recentemente mexida. Eles começaram por ali e cavaram.  
Em alguns lugares, conforme o laboratório descobriu mais tarde, havia uma densa concentração do meu sangue misturada com a terra, mas na hora a polícia foi ficando cada vez mais frustrada, vasculhando o chão molhado e frio à procura de uma menina.  
Junto à beirada do campo de futebol, alguns dos meus vizinhos mantinham uma distância respeitosa da fita da polícia, perguntando-se o que faziam aqueles homens, vestidos com pesadas parcas azuis, manejando pás e ancinhos como se fossem instrumentos médicos.  
Meu pai e minha mãe ficaram em casa. Lindsey ficou no quarto. Buckley estava ali perto na casa de seu amigo Nate, onde passava bastante tempo

ultimamente. Eles tinham dito a ele que eu estava dormindo na casa da Clarissa por alguns dias.

Eu sabia onde meu corpo estava, mas não podia dizer a eles. Fiquei olhando, esperando para ver o que eles iam achar. Então, como um raio, o final da tarde, um policial levantou o punho envolto em lama e gritou: — Aqui! — disse ele, e os outros oficiais correram para rodeá-lo.

Os vizinhos tinham ido para casa, com exceção da Sra. Stead. Depois de confabular em volta do policial descobridor, o inspetor Fenerman quebrou sua rodinha escura e se aproximou dela.

— Sra. Stead? — disse ele por cima da fita que os separava.

— Sim.

— A senhora tem um filho no colégio?

— Tenho.

— Poderia vir comigo, por favor? Um jovem oficial conduziu a sra. Stead por baixo da fita da polícia e pelo milhoal esburacado e revirado até onde estava o resto dos homens.

— Sra. Stead — disse Len Fenerman —, isso lhe parece familiar? — Ele levantou um exemplar de *Não matem a cotovia*. — As crianças leem isso no colégio?

— Leem — disse ela, com o rosto perdendo a cor enquanto pronunciava aquela palavra curta.

— Se importa se eu lhe perguntar... — começou ele.

— Oitava série — disse ela, olhando para os olhos cor de ardósia de Len Fenerman. — Na série da Susan. — Ela era terapeuta e confiava em sua capacidade para ouvir notícias ruins e discutir racionalmente os detalhes difíceis da vida de seus pacientes, mas se viu apoiando-se no jovem policial que a havia conduzido até ali. Eu podia ouvi-la desejando ter voltado para casa junto com os outros vizinhos, desejando estar na sala de estar junto com o marido, ou lá fora no quintal dos fundos com o filho.

— Quem é o professor da turma?

— A Sra. Dewitt — respondeu a Sra. Stead. — As crianças estão achando isso um tremendo alívio depois de Otelo.

— Otelo!

— É — disse ela, com suas informações sobre o colégio adquirindo subitamente extrema importância — e todos os policiais escutando. — A Sra. Dewitt gosta de modular sua lista de leitura, e logo antes do Natal dá um grande estirão com Shakespeare. Depois dá Harper Lee como recompensa. Se a Susie estava carregando Não matem a cotovia na bolsa, isso quer dizer que ela já deve ter entregado o trabalho sobre Otelo.

Tudo isso foi confirmado.

A polícia deu telefonemas. Eu vi o círculo se abrir. A Sra. Dewitt estava com o meu trabalho. Acabou devolvendo-o aos meus pais, sem nota, pelo correio. "Pensei que gostariam de ficar com isso", escreveu a Sra. Dewitt em um bilhete que mandou junto com o trabalho. "Sinto muitíssimo." Lindsey herdou o trabalho porque lê-lo era doloroso demais para minha mãe. "O ostracizado: O homem só" era como eu o havia intitulado. Lindsey tinha sugerido "O ostracizado" e eu inventei a outra metade. Minha irmã fez três furos na lateral e prendeu cada página cuidadosamente manuscrita em um caderno vazio. Guardou-o no armário debaixo do estojo da Barbie e da caixa que continha seus bonecos Raggedy Ann e Andy em perfeitas condições que eu tinha invejado.

O inspetor Fenerman ligou para meus pais. Eles haviam encontrado um livro de colégio que, segundo acreditavam, poderia ter-me sido entregue naquele último dia.

— Mas poderia ser de qualquer um — disse meu pai para minha mãe enquanto eles começavam outra vigília inquieta. — Ou ela poderia ter deixado cair pelo caminho.

As provas estavam se acumulando, mas eles se recusavam a acreditar. Dois dias depois, no dia 12 de dezembro, a polícia encontrou minhas anotações da aula do sr. Botte. Os animais tinham tirado o caderno do lugar em que ele havia sido enterrado inicialmente — a terra não correspondia às amostras próximas, mas o papel pautado, com anotações das teorias que eu nunca conseguia entender, mas mesmo assim registrava diligentemente, tinha sido encontrado quando um gato derrubou um ninho de corvo. Havia pedaços do papel entre as folhas e gravetos. A polícia separou o papel pautado, junto com pedaços de outro tipo de papel, mais fino e rugoso, sem pauta.

A menina que morava na casa em que ficava a árvore reconheceu a caligrafia. Não era a minha caligrafia, mas sim a do menino que estava a fim de mim: Ray Singh. No papel de arroz especial de sua mãe, Rav tinha me escrito um bilhete de amor, que eu nunca li. Ele o tinha colocado dentro do meu caderno durante nossa aula de laboratório da quarta-feira. Sua caligrafia era característica. Quando os oficiais chegaram, tiveram de destrinchar os fragmentos do meu caderno de biologia e do bilhete de amor de Ray Singh.

— O Ray não está se sentindo bem — disse sua mãe quando um inspetor telefonou para sua casa e pediu para falar com ele. Mas descobriram que queriam saber graças a ela. Ray assentiu quando ela repetiu as perguntas que o policial queria fazer a seu filho. Sim, ele tinha escrito um bilhete de amor para Susie Salmon. Sim, ele o tinha colocado dentro do seu caderno depois de o sr. Botte ter pedido a ela para recolher o teste-surpresa. Sim, ele tinha chamado a si mesmo de Mouro. Ray Singh se tornou o suspeito número 1.

— Aquele menino adorável? — disse minha mãe a meu pai.

— O Ray Singh é legal — disse minha irmã durante um jantar monótono naquela noite.

Eu via minha família e sabia que eles sabiam. Não era Ray Singh.

A polícia foi até a casa dele e o interrogou com mão pesada, insinuando coisas. Eram estimulados pela culpa que liam na pele escura de Ray, pela raiva que sentiam diante de seus modos, e por sua mãe bela e, no entanto, exótica e indisponível demais. Mas Ray tinha um álibi. Todo um batalhão de nações podia ser chamado para depor a seu favor. Seu pai, que lecionava história pós-colonial em Penn, tinha chamado o filho para representar a experiência adolescente em uma palestra que deu na *International House* no dia em que eu morri.

De início, a ausência de Ray do colégio tinha sido vista como prova de sua culpa, mas quando a polícia recebeu uma lista dos quarenta e cinco presentes de que haviam escutado Ray falar em "Subúrbios: A experiência americana" foi obrigada a reconhecer sua inocência. Do lado de fora da casa dos Singh, a polícia retirou pequenos gravetos das cercas-vivas. Teria sido tão fácil, tão mágico, como se a resposta literalmente caísse do céu de uma árvore no colo deles. Mas os boatos se espalharam e, no colégio, o fraco progresso social que

Ray tinha feito se reverteu. Ele começou a voltar para casa imediatamente depois da aula.

Tudo isso me deixou louca. Ver tudo e não ser capaz de guiar a polícia em direção à estufa tão perto da casa dos meus pais, onde o sr. Harvey sentado esculpia ornamentos para uma casa de bonecas gótica que estava construindo. Ele ouvia o noticiário e examinava os jornais, mas vestia a própria inocência como um confortável casaco velho. Houvera uma rebelião dentro dele e agora ele estava calmo.

Tentei encontrar consolo em Holiday, nosso cachorro. Sentia sua falta como ainda não tinha me permitido sentir da minha mãe e do meu pai, da minha irmã e do meu irmão. Aquele tipo de saudade significaria a aceitação de que eu nunca mais estaria com eles; podia parecer bobo, mas eu não acreditava nisso, jamais acreditaria. Holiday passava as noites com Lindsey, e ficava ao lado do meu pai toda vez que ele abria a porta para um novo estranho. Participava alegremente de qualquer alimentação clandestina da minha mãe. Deixava Buckley puxar seu rabo e suas orelhas dentro da casa de portas trancadas.

Havia sangue demais na terra.

No dia 15 de dezembro, em meio às batidas na porta alertando minha família que ela precisava se anestesiara ainda mais antes de abrir a casa a desconhecidos — os vizinhos gentis, mas pouco à vontade, os repórteres hesitantes, mas cruéis —, veio a batida que finalmente fez meu pai acreditar.

Era Len Fenerman — que tinha sido tão gentil com ele — e um oficial uniformizado.

Eles entraram, a essa altura conhecendo a casa o suficiente para saber que minha mãe preferia que entrassem e dissessem o que tinham a dizer na sala íntima para que minha irmã e meu irmão não escutassem.

— Encontramos um objeto pessoal que acreditamos ser da Susie — disse Len. Len era cuidadoso. Eu podia vê-lo pesando as palavras. Ele fez questão de ser preciso para meus pais descartarem seu primeiro pensamento — que a polícia tinha encontrado meu corpo, que eu estava, com certeza, morta.

— O quê? — perguntou minha mãe, impaciente. Ela cruzou os braços e se preparou para outro detalhe inconsequente ao qual as outras pessoas atribuíam significado. Ela era um muro. Cadernos e romances não eram nada para ela. Sua filha podia sobreviver sem um braço. Muito sangue era muito sangue. Não era um corpo. Jack tinha dito e ela acreditava: nada nunca é certo.

Mas quando eles suspenderam o saco plástico com meu gorro dentro alguma coisa nela se partiu. O fino muro de cristal pesado que tinha protegido seu coração — que a tinha anestesiado de alguma maneira, fazendo-a não acreditar — se esfacelou.

— O pompom — disse Lindsey. Ela havia entrado em silêncio na sala de estar vinda da cozinha. Ninguém a tinha visto chegar a não ser eu.

Minha mãe emitiu um som e estendeu a mão. O som era um ganido metálico, o som de uma máquina humana se quebrando, emitindo os últimos sons antes de o mecanismo inteiro travar.

— Nós testamos as fibras — disse Len. — Parece que quem quer que tenha abordado a Susie usou isso durante o crime.

— O quê? — perguntou meu pai. Ele estava impotente. Estavam lhe dizendo algo que ele não conseguia compreender.

— Para fazê-la ficar calada.

— O quê?

— O gorro está coberto com a saliva dela — esclareceu o oficial uniformizado, que até agora havia guardado silêncio. — Ele o usou como mordança.

Minha mãe arrancou o gorro das mãos de Len Fenerman, e os sininhos que ela havia costurado no pompom reuniram quando ela caiu ajoelhada no chão. Ela se inclinou sobre o gorro que tinha feito para mim.

Vi Lindsey se retesar na porta. Nossos pais estavam irreconhecíveis para ela; tudo estava irreconhecível.

Meu pai conduziu o bem-intencionado Len Fenerman e o oficial uniformizado até a porta da frente.

— Sr. Salmon — disse Len Fenerman —, com a quantidade de sangue que encontramos, e a violência que ele parece implicar, assim como outros indícios

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Alice Sebold uma Vida Interrompida" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).